

## UM ASPECTO DO PORTUGUÊS POPULAR DO BRASIL: SUA FRASEOLOGIA

Hudinilson URBANO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Tendo em mente a variedade lingüística popular do Brasil, propomo-nos observar traços caracterizadores da sua fraseologia e sugerir reflexões, visando à sua descrição e caracterização. O termo se aplica ao levantamento de marcas identificadoras de frases representativas de uma língua, de uma variedade de língua ou de um escritor e/ou ao estudo de seu uso. No caso, pensamos na fraseologia da variante popular, enfocando, porém, apenas traços fraseológicos internos, como expressões cristalizadas, sobretudo as idiomáticas metafóricas, que espelham a índole, a criatividade e a sabedoria popular.

Sabe-se das dificuldades de pesquisas desse tipo na obtenção de dados reais e naturais ouvidos da boca do próprio povo. Para tais desafios, servimo-nos da nossa sensibilidade de falante e pesquisador, bem como da sensibilidade e pesquisas de dicionaristas e escritores, ficcionais ou não, nos quais as expressões aparecem como traços similares ou simulados da fala cotidiana. Por outro lado, nada é mais custoso que identificar sentenças correntes em uma região, no país como um todo e em cotejo com o português de Portugal, para não falar no português africano.

Quanto aos estudos vinculados à temática, são lembrados, suscintamente, na linha de pesquisa a que se filia o trabalho: *Sociolingüística* - os níveis de fala, de Preti; *A oralidade na escrita: o caso Rubem Fonseca*, de Urbano; *O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas*, de Fontes Filho; *Provérbios e outros lugares comuns portugueses*, de Mello; *A fraseologia nas crônicas de Carlos Drummond de Andrade*, de Silva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua portuguesa, fraseologia popular, expressões idiomáticas.

### INTRODUÇÃO

Tendo em mente a variedade lingüística popular do Brasil, sociocultural e diastraticamente falando, propomo-nos observar traços caracterizadores da sua fraseologia e sugerir reflexões, visando, não, porém, à sua descrição e caracterização global, mas apenas a uma colaboração parcial e precária com esse objetivo. É que, entre outras razões, é enorme a possibilidade de enfoques que o tema oferece, para a abordagem dos quais não estamos ainda preparados com teorias, dados e sobretudo, no presente momento, com tempo suficiente para exposição. Por outro lado também, uma

tentativa de um apanhado comparativo profundo nas variedades lingüísticas dos três espaços geográficos da língua portuguesa no mundo, ou seja, no PE, PB e PA, parecidos, no atual estágio dos estudos, ainda muito utópico.

Inspira-nos, entretanto, o desejo de motivar interesses e pesquisas teórico-pragmáticos paremiológicos na exploração desse rico recurso popular.

O termo fraseologia, em princípio e em tese, se aplica ao levantamento de marcas identificadoras de frases representativas, seja de uma língua, seja de uma variedade lingüística, seja de uma região (há vários levantamentos regionais; ver Bibliografia), seja de grupos sociolingüísticos, como de políticos, de economistas (também há estudos nesse sentido) etc., ou de um escritor em particular, e/ou então ao estudo de seu uso por falantes ou escritores, teatrólogos e poetas, cujas obras estão bastante impregnadas de marcas de oralidade popular, como Nelsom Rodrigues, Plínio Marcos, Rubem Fonseca, Manuel Bandeira, entre outros.

Num dizer mais científico e preciso, Xatara, (1998), p. 153, traz a opinião de Fiada, para quem fraseologia seria a “ciência” que estuda as diversas categorias de lexias complexas, dentre as quais as expressões idiomáticas.

No caso, pensamos então na fraseologia da língua portuguesa do Brasil, na sua variante popular, enfocando, porém, em particular, seqüências que integram e, de regra, ajudam, expressiva, econômica e/ou cognitivamente a compor frases, dentro das quais podem aparecer, como torneios expressivos, locuções proverbiais, chavões, modismos e até bordões. Na realidade, trata-se de um recorte dentro do enfoque maior da fraseologia popular, que podemos sintetizar como “expressões populares cristalizadas”, sobretudo as idiomáticas metafóricas.

---

<sup>1</sup> URBANO - USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas; Rua Martiniano de Carvalho, 926, ap. 91-A, CEP 01321-000, São Paulo, SP, BRASIL, e-mail: dorlihy@usp.br

Em termos estruturais, localizam-se entre as gírias simples (lexias simples), de tamanho e complexidade menor, e os provérbios, de tamanho e complexidade maior, conforme explicação de Amaral (apud Buosi, 1997:21) que distingue o provérbio propriamente dito das locuções proverbiais, pelo seu caráter de frase completa e geral, normalmente com sujeito e predicado, próximo ao verso ou mesmo um verso puro, em razão dos efeitos rítmicos e da rima. Ao fazer essa distinção, explica que “Levar gato por lebre” é apenas uma locução proverbial, ao passo que a estrutura de frase completa “Não leves gato por lebre” é provérbio.

É realmente na fraseologia popular que o estudo das expressões é cativante, pela curiosidade que elas despertam e pela riqueza e criatividade de suas metáforas, vinculadas sobretudo ao cotidiano vivenciado pelo povo, espelhando sua índole, sua inocente e perspicaz sabedoria e os aspectos existenciais de sua própria vida em sociedade.

Estamos pensando então em expressões de uso falado bastante popular, ora mais simples, ora mais complexas; raramente, total ou parcialmente denotativas, quase sempre, porém, metafóricas e idiomáticas. Listamos de memória, de um só fôlego, mais de 50, cabendo a cada uma, se tempo e espaço houvesse, um comentário especial.

<i>achados e perdidos</i>	<i>dar dois dedos de prosa</i>
<i>andar na corda bamba</i>	<i>dar bola</i>
<i>antes prevenir que remediar</i>	<i>dar co's burros n'água</i>
<i>antes tarde que nunca</i>	<i>dois dedos de prosa (ou: dar</i>
<i>aos trancos e barrancos</i>	<i>_____)</i>
<i>arco da velha (ou: coisas do __)</i>	<i>ficar pra semente</i>
<i>bater as botas</i>	<i>gato por lebre</i>
<i>bom cabrito não berra</i>	<i>manteiga derretida</i>

<i>bota fora</i> (dos políticos, por exemplo)	<i>morder a língua</i>
<i>cabeça de vento</i>	<i>negócio da China / das Arábias</i>
<i>cair do cavalo</i> (atribuído erroneamente à conversão de São Paulo)	<i>Nunca viu cara de pavio ? onde judas perdeu as botas</i> (ou: <i>lugar onde ___</i> )
<i>cara amassada</i>	<i>orelha quente</i> (ou: <i>ficar de _____</i> <i>de-pau</i> )
<i>cheia de trololó</i> (ou: <i>reunião cheia de ___</i> )	<i>perder a cabeça</i>
<i>coisa com coisa</i> (ou: <i>dizer / não dizer ___</i> )	<i>puxar a orelha / puxar orelha</i>
<i>comigo não violão</i>	<i>quente pra burro</i>
<i>conto do vigário</i>	<i>quintos dos infernos</i>
<i>conversa fiada</i>	<i>roleta russa</i>
<i>dar na telha</i>	<i>saco do padre Inácio</i>
<i>dar tempo ao tempo</i>	<i>Será o Benedito?</i>
<i>descascar um abacaxi</i>	<i>tirar o pai da força</i>
<i>dar bandeira</i>	<i>tolerância zero</i>

Essa pequena amostra visa apenas a ilustrar, ao lado da enorme quantidade de possíveis “enfoques”, a enorme quantidade de “expressões”, sem falar em suas variantes, que são usadas na fala do dia-a-dia das pessoas, tão freqüentemente, talvez até mais, quanto as chamadas gírias comuns. Basta observar o próprio uso que fazemos diariamente e basta dedicar atenção especial em ouvi-las nos mais diversos intercâmbios pessoais do cotidiano. A presente lista, com cerca de 50 exemplos, a que se poderia acrescentar de imediato outros tantos, na verdade deve representar uma porcentagem mínima das expressões em uso na língua. A consulta aos inúmeros

dicionários, glossários e estudos que as registram e as abonam permite-nos afiançar que esse número pode facilmente multiplicar-se por cem ou mil vezes. Ademais pode-se garantir, ainda, com segurança, que dia-a-dia elas vão se surgindo mais (como é o caso da atual “tolerância zero”).

A amostra revela, ainda que superficial e precariamente em razão de seu pequeno tamanho, não só sua criatividade, mas também sua expressividade e recorrência, ou tudo isso junto...

Apesar da infinidade das expressões - ou por isso mesmo - são, na verdade, difíceis e trabalhosas as pesquisas na obtenção, coleta e levantamento de “dados reais e naturais”, isto é, expressões ouvidas da boca do próprio povo. Por isso, servimo-nos da não apenas da nossa própria sensibilidade de falante e pesquisador, como também da sensibilidade e pesquisas de dicionaristas, de estudiosos, de escritores, ficcionais ou não, nos quais esse tipo de recurso aparece como traços similares ou simulados da fala cotidiana. Por outro lado, nada é mais custoso que identificar sentenças correntes em uma região, ou num imenso país como o nosso, sobretudo em eventual cotejo com o português de Portugal, para não falar - como seria desejável, porém, mais difícil ainda - no cotejo com o português africano, pois nos faltam concreta vivência lingüística.

### **ALGUMAS CHAMADAS TEÓRICO-PRAGMÁTICAS**

Embora o interesse maior é pelas expressões reconhecidamente populares, temos de admitir que também na linguagem escrita, formal, elas ocorrem. Na “fala usual”, destacam-se pela naturalidade, espontaneidade, expressividade, criatividade popular, bem como pela economia no efeito comunicativo; na “escrita”, mais formal, destacam-se pela elaboração e pelo aproveitamento, literário ou não. Na escrita muitas expressões nascem na literatura, vulgarizando-se com freqüência na linguagem popular e na mídia,

como é o caso das frases “Inês é morta” ou “Ao vencedor, as batatas.” Mas também o contrário muitas vezes acontece: da linguagem popular emigram para a literatura e mídia, onde, não raro elas são, porém retextualizadas. Nesse caso, encontram-se ocorrências como *O afobadinho come cru* (em João Antônio), originado de *O apressado come cru; mundos e fundos* na frase “Sem prometer mundos e fundos” (em Jorge Amado), *perna de pau* (em José de Alencar), *tirar a palavra da boca* na frase “Tirou-me a palavra da boca” (em Graciliano Ramos), *ao deus dará* em Clarice Lispector) etc. Há, ainda, expressões e pensamentos, que migram, quase com o mesmo sentido e forma, da literatura para a própria literatura, como é o caso do aproveitamento que faz Machado de Assis, no conto *A cartomante*, da reflexão schakespeareana: “Há mais coisas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia”.

Quanto a aspectos formais, as expressões populares apresentam freqüentemente rimas (como em *comigo não violão, nunca viu cara de pavio*); estruturas sintagmáticas nominal (como em *conversa fiada, manteiga derretida, roleta russa*), verbal, com verbos mais complementos diretos ou indiretos, e/ou circunstanciais (como em *dar bola, dar tempo ao tempo, bater as botas, morder a língua, dar co’s burros n’água, dar na telha, ficar pra semente*); preposicional (*cabeça de vento, negócio da China, quintos dos infernos*); pequenas estruturas binárias paralelísticas (*achados e perdidos, aos trancos e barrancos*). No caso das estruturas binárias, as expressões são normalmente diferentes dos provérbios, que apresentam freqüentemente estruturas binárias mais ou menos complexas (*casa de ferreiro, espeto de pau; de médico e louco, todo mundo tem um pouco; quem espera sempre alcança*). É freqüente o emprego, apenas da primeira parte de certos provérbios, funcionando esta primeira parte como verdadeiras expressões, como em *casa de ferreiro.../; de médico e louco.../; quem espera...* Trata-se

da construção binária prótase / apódose, com suspensão da segunda, cujo resgate do conteúdo fica por conta da memória, compartilhada, do interlocutor.

## **CORRESPONDÊNCIAS NO MUNDO LUSÓFONO**

Apenas para despertar possíveis interesses investigatórios, lembramos que muitas outras observações e reflexões, de variada ordem, poderiam ser feitas. Como o tempo e espaço não permitem, gostaríamos de lembrar apenas a questão dos “conceitos paremiológicos”, e acenar com alguma demora para a questão da universalidade das expressões, fixando-nos particularmente na eventual correspondência ou co-ocorrência delas, formal e/ou semântica, no mundo de fala portuguesa.

Só para despertar maior interesse ou curiosidade, pontuamos antes, porém, a controvertida questão da “origem” das expressões, que fica normalmente sem solução científica, principalmente em relação às expressões consideradas como as mais populares, como *pagar o pato*, *onde Judas perdeu as botas* etc., às quais se atribuem às vezes origens imaginosas e fantasiosas, a tal ponto que Mário Prata foi levado a compor seu dicionário com 419 provérbios, expressões e ditos populares, intitulado *Mas será o Benedito?*, com a seguinte justificação:

Sempre tive a curiosidade de saber a origem de certas expressões brasileiras. Comecei a pesquisar e descobri que cada autor (e/ou filólogo) dá uma versão diferente para a mesma expressão. “Para inglês ver”, por exemplo, encontrei quatro origens diferentes.

Já que a situação era essa, resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte. (1996:5)

De certa forma, pactuando com Mário Prata, entendemos que, enquanto usuário da linguagem cotidiana, interativa e espontânea, não interessa ou não é importante ao povo saber a origem de uma expressão, mas sim saber “usá-la.”

Outra questão curiosa que lembramos superficialmente é a questão do “arcaísmo expressional”, que pode ser exemplificado com expressões como *Qual é a sua graça?*, na abertura de um encontro mais ou menos formal, ou com *filho de mãe solteira*, significando “algo raro”, se bem que hoje em dia não tão raro.

No caso das correspondências ou co-ocorrências, podemos realmente apenas acenar para a questão, porque, na verdade, além da alegada questão do tempo e espaço, haveria necessidade de se realizarem pesquisas especiais, sobretudo no mundo africano.

Todavia, apenas para explicar e ilustrar nossa idéia, fizemos rápida investigação em textos literários que reproduzem a oralidade popular e em dicionários brasileiros em cotejo com portugueses.

1) Quanto à coleta em texto literário, servimo-nos do romance da escritora portuguesa Lídia Jorge, que foi objeto da tese “A oralidade em *O Dia dos Prodígios*”, defendida por Élide Jacomini Nunes. Na tese Nunes diz: “Ao se observarem as falas presentes no texto de *O Dia dos Prodígios* (...), numeroso é o conjunto das expressões populares”. Em seguida passa a relacionar 29 expressões. Entre elas, registra a expressão *sangria desatada* no seguinte trecho narrativo: “Mas o soldado deveria levar muita pressa. Uma sangria desatada e sem apelação.” (p. 53)

Essa expressão está registrada, com o mesmo significado, nos seguintes dicionários portugueses e brasileiros, respectivamente:

- a) em Albino Lapa, no *Dicionário do calão*, publicado em Lisboa em 1974, p.219;
- b) em Antenor Nascentes, *Tesouro da fraseologia brasileira*, p. 268;

c) em Aristides Fontes Filho, *O Dito pelo não dito*. Dicionário de expressões idiomáticas e

d) em Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, *Novo Dicionário Século XXI*.

2) Em relação à coleta direta em dicionários portugueses e brasileiros, podemos destacar também alguns achados:

a) no compêndio português *Por outras palavras - Dicionário de frases idiomáticas mais usadas na língua portuguesa*, com base na nossa experiência de falante brasileiro, levantamos mais de 70 expressões, que consideramos correspondentes ao português do Brasil. Delas, exemplificamos com:

*amigo da onça*

*cabeça de vento*

*cair morto (não ter onde cair morto)*

*cantar de galo*

*negócio da China / das Arábias (um*

*chover no molhado*

*...)*

*sem eira nem beira*

*na berlinda (estar na berlinda)*

*encher o saco*

*bicho carpinteiro*

*em palpos de aranha*

*burro de carga*

*engolir em seco*

b) no *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*, que possui o seguinte grandioso subtítulo descritivo: “lusismos, brasileirismos, regionalismo, expressões ortográficas, ortoépias, particularidades gramaticais, regenciais, fonêmicas, toponímia e outras peculiaridades confrontados ou explicados”, também encontramos vasta exemplificação de expressões co-ocorrentes.

É necessário esclarecer que o dicionário subdivide-se em:

Do português de Portugal para o português do Brasil (P => B)

Do português do Brasil para o Português de Portugal (B => P)

Sua consulta é meio complicada, mas, ao menos para efeito de confronto de co-ocorrências, co-existências ou correspondências, e para ilustração rápida, selecionamos:

*está quente pra burro* (B) // *está quente como burro* (P)

*bater as botas* (B) // *bater os calcanhares* (P)

*cara de pau* (B) // *cara-de-pau* (P)

c) na pequena coleta que fez Mário Prata sobre termos e expressões em Portugal, publicadas no seu *Schifaiçfavoire*, encontramos as seguintes expressões correspondentes:

*achados e perdidos* (B) // *perdidos e achados* (P)

*ter a cara de pau* (B) // *ter a lata* (P)

d) no *Elucidário* de Viterbo, p. 44, no verbete AGOA, encontramos “trazer agua ao seu moinho” que comparamos ao nosso “puxar a brasa para a sua sardinha”.

3) Por outro lado, na conhecida obra *Literatura Oral do Brasil*, de Câmara Cascudo, o autor refere-se, à p. 76, a *sem eira nem beira*, tanto no Brasil quanto em Portugal, que já havia sido usado por Gil Vicente na frase “não herdo eira nem beira”. Também é encontrada em Gil Vicente *Deus é português*, de que temos o nosso similar *Deus é brasileiro*.

Nas nossas pesquisas, ainda conseguimos um cotejo com o português africano. Rodrigues Lapa, comentando trecho de *A Ronda da Noite*, de Boubon e Meneses, sobre gírias, p. 70, lembra algumas expressões africanas, de que citamos apenas:

*acabar-se-lhe com a raça* = destruir, aniquilar para sempre

Quanto às demais referidas por Rodrigues Lapa, não encontramos correspondentes na nossa memória, que provocasse condições de pesquisa.

Em relação a essa questão particular das correspondências, cabe observar que não há registro - nem nós procuramos investigar questões que nos parecem pertinentes

como: a) qual país teria usado primeiramente determinada expressão e b) como são as pronúncias particularizadas dessas expressões nos respectivos países. Na realidade, isso tudo, bem como outras questões de interesse particular, demandaria pesquisas mais profundas e específicas ...

## NOÇÃO DE EXPRESSÃO IDIOMÁTICA

Uma outra questão que também perpassa o fato da co-ocorrência de uma mesma expressão em duas línguas ou dois dialetos (se considerados o PE e PB como dois dialetos) é a questão do *status* idiomático de uma referida expressão coexistente nos dois países diferentes. Nesse caso, pode-se dizer que a expressão em tela é idiomática?

Na verdade, queremos apenas *pôr lenha na fogueira* com uma reflexão não pacífica de António Telmo no seu Prólogo no dicionário *Por outras palavras*, p.5. Diz ele:

*Idiomático*, com efeito, significa o que é próprio (do grego *idios*), no sentido de único ou original. A velha expressão de “frases idiomáticas” tem, todavia, o defeito, pelo destaque que produz no conjunto da língua, de fazer esquecer que toda ela é um idioma, como quem quisesse que numa língua só há de próprio as frases que se dizem idiomáticas, sendo o resto facilmente convertível nas formas faladas pelos outros povos. Idiomático significaria então o que é intraduzível e daí derivaria **a utilidade de um dicionário de frases** que, traduzidas palavra por palavra para outra língua, perdem o sentido que têm ou ficam até sem sentido nenhum.” (grifo nosso)

Quanto a essa questão do conceito de expressões idiomáticas, ainda há que considerar, em acréscimo, que expressão idiomática é uma expressão, cujo significado não é transparente e cujas palavras componentes não se somam para compor seu sentido

global, como é o caso de *bater as botas*, *gato pingado* ou *descascar um abacaxi*, significando, respectivamente, “morrer”, “pessoa sem importância” e “resolver um problema”, significados evidentemente próprios apenas para os usuários do respectivo idioma. Por outro lado, é difícil observar a tênue fronteira entre expressões simplesmente metafóricas e expressões idiomáticas metafóricas, parecendo-nos que todas as idiomáticas são metafóricas, mas nem todas as metafóricas são necessariamente idiomáticas. *Dar asas à imaginação*, *mar de lágrimas* parece-nos traduzíveis, navegáveis e metaforicamente compreensíveis em qualquer língua; mas *bater as botas* não.

Essa questão da idiomaticidade é com efeito crucial se pensarmos que em muitos casos muitas expressões co-ocorrem em vários idiomas, valendo, pois, a pena refletir a respeito.

Para terminar, queremos nos servir da conclusão que Aires da Mata Machado Filho fez em seu interessante estudo denominado “Fraseologia diferencial luso-brasileira”, publicado em 1941, numa *Miscelanea de estudos em honra de Antenor Nascentes*, onde estudou, entre outras, as expressões *ponto de bala* (“bala” significando doce) e *vá pentear macacos*. Conclui ele, afirmando e, de certa forma, nos provocando:

O estudo de *ponto de bala* e *vá pentear macacos* sugere que há uma **fraseologia diferencial luso-brasileira**, sem prejuízo de outras indagações nos domínios da paremeologia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Tomé. Dicionário de termos e expressões populares. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1972

CASCUDO, Luis da Câmara. *Literatura Oral no Brasil*. 3. ed., Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1984.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FONTES FILHO, Aristides. *O Dito pelo não dito*. Dicionário de expressões idiomáticas. São Paulo: Libra Três, 2006.

FUSARO, Kárin. *Gírias de todas as tribos*. São Paulo: Panda, 2001.

LAPA, Lapa. *Dicionário do calão*. Lisboa: Presença, 1974.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. 8. ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1975.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *A palavra é de ouro*. Expressões e termos que dispensam Gramática e Dicionário. Belo Horizonte: Veja, 1979.

MOURA, Ivone (Recolha e organização), Prefácio e revisão de TELMO, António. *Por outras palavras*. Lisboa: Codex, [1995]

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos, 1966.

NUNES, Élide Jacomini. *A oralidade em O Dia dos Prodígios*, de Lídia Jorge. Tese de Doutorado. FFLCH/DLCV/USP, 2006.

PASSOS, Alexandre. *A Gíria Baiana*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973.

PRATA, Mario Alberto Campos Morais. *Schifaizfavoire*.

\_\_\_\_\_ *Mas será o Benedito?* – Dicionário de provérbios, expressões e ditos populares. 5. ed. São Paulo: Globo, 1996.

URBANO, Hudinilson. Uso e abuso de provérbios. In: PRETI, Dino (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, v. 5, p. 253-321.

VILLAR, Mauro. *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro* com o grandioso seguinte subtítulo descritivo: lusismos, brasileirismos, regionalismo, expressões ortográficas, ortoépias, particularidades gramaticais, regenciais, fonêmicas, toponímia e outras peculiaridades confrontados ou explicados. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rita de. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usavam...* Porto/Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1983.

XATARA, Claudia Maria . O campo minado das expressõesw idiomáticas. Alfa, no.42 esp., p. 147-159, 1998.